

**Ana Carla Ferreira Longo
Moraes**

Universidade do Estado do
Rio de Janeiro – UERJ

E-mail:

carlaanasc3292@gmail.com.

Rafael de Oliveira Barbosa

Universidade do Estado do
Rio de Janeiro – UERJ

E-mail:

profracabarbosa@gmail.com.



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

Audiolivros e a voz do texto: Leitores e a centralidade do narrador em 1984, da Audible Brasil

*Audiobooks and the text's voice:
Readers and the centrality of the
narrator in 1984, from Audible Brazil*

*Audiolibros y la voz del texto:
Los lectores y la centralidad del narrador
en 1984, de Audible Brasil*

Ferreira Longo Moraes, A. C., & de Oliveira Barbosa, R. Audiolivros e a voz do texto: Leitores e a centralidade do narrador em 1984, da Audible Brasil. *Revista Eco-Pós*, 28(3), 532–555. <https://doi.org/10.29146/eco-ps.v28i3.28289>

RESUMO

Este artigo tem como objeto de estudo os audiolivros. Considerando as múltiplas práticas possibilitadas por esse formato e a diversidade de suas produções, resultantes de distintas escolhas editoriais, propõe-se analisar as avaliações de audileitores da obra *1984*, de George Orwell, disponíveis na plataforma Audible Brasil, serviço de audiolivros da Amazon. A partir de uma reflexão sobre a história da leitura no Ocidente e sobre as práticas contemporâneas de leitura, busca-se examinar, em especial, os comentários que enfatizam aspectos técnicos do audiolivro — com destaque para a centralidade da figura do narrador.

PALAVRAS-CHAVE: *Audiolivro; Mercado editorial; Audible Brasil; Leitores; Leitura.*

ABSTRACT

This article focuses on audiobooks. Considering the multiple practices enabled by this format and the diversity of its productions, shaped by distinct editorial choices, it aims to analyze the reviews of audio-readers of *1984*, by George Orwell, available on Audible Brazil, Amazon's audiobook service. Reflecting on the history of Western reading and contemporary reading practices, the study seeks to examine, in particular, the reviews that emphasize the technical aspects of the audiobook — especially the centrality of the narrator's role.

KEYWORDS: *Audiobook; Publishing market; Audible Brazil; Readers; Reading.*

RESUMEN

Este artículo tiene como objeto de estudio los audiolibros. Considerando las múltiples prácticas posibilitadas por este formato y la diversidad de sus producciones, resultado de distintas decisiones editoriales, se propone analizar las reseñas de audiolectores de la obra *1984*, de George Orwell, disponibles en la plataforma Audible Brasil, servicio de audiolibros de Amazon. A partir de una reflexión sobre la historia de la lectura en Occidente y sobre las prácticas contemporâneas de lectura, se busca examinar, en particular, los comentarios que enfatizan los aspectos técnicos del audiolibro —con especial atención a la centralidad de la figura del narrador.

PALABRAS CLAVE: *Audiolibro; Mercado editorial; Audible Brasil; Lectores; Lectura.*

Submetido em 24 de maio de 2024.

Aceito em 02 de julho de 2025.

Introdução

As práticas de leitura são múltiplas e plurais, renovando-se e readaptando-se às mudanças sociais e culturais de cada lugar, em cada época. “A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados” (Chartier, 1998, p. 77), portanto, há sempre novos e mais modos de ler a serem explorados.

O livro físico continua sendo o formato de maior preferência entre os leitores. De acordo com a 5ª edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada em 2019 pelo Instituto Pró-Livro (IPL) em parceria com o Itaú Cultural, 70% dos leitores de literatura afirmaram preferir a leitura em papel em relação ao livro digital.

Contudo, em pesquisas como *Distopias clássicas, protocolos de leitura e produção de sentido no Skoob* (Moraes, 2024), observa-se a presença, ainda que incipiente, de leitores que recorrem às distopias em formato de audiolivro. As resenhas que mencionam esse tipo de experiência concentram-se em aspectos específicos da escuta, diferenciando-se da leitura tradicional. Em um dos casos relatados, por exemplo, o audiolivro funcionou como estímulo para a continuidade da leitura do clássico: “Particularmente, não sou uma grande fã de distopias, e a leitura no início era maçante e não me prendia. Através do audiobook, consegui me impulsionar mais” (Moraes, 2024, p. 160).

Por outro lado, há aquelas experiências em que a recepção da obra em áudio é negativa: “li em formato de audiobook e o narrador era um chato pomposo” (Moraes, 2024, p. 102); ou, ainda, um caso em que a leitora se queixa de que o narrador não possuía *entonação* e, por isso, “era tudo muito cru” (Moraes, 2024, p. 160).

Esses exemplos evidenciam a relevância do narrador como elemento determinante na experiência de quem escuta o audiolivro. A partir dessa constatação, este trabalho busca compreender a perspectiva do leitor, a voz que dá vida ao texto, a centralidade do narrador e as especificidades dessa prática de leitura, especialmente no contexto das obras distópicas.

Supõe-se que, ao transpor a distinção entre *contar* e *ler*, destacada por Michèle Petit (2010, p. 40), o audiolivro promove um entrelaçamento dessas duas experiências. A fala *conta* por meio da leitura oral da palavra escrita e, simultaneamente, pela escuta. Além disso, o audiolivro não apenas narra, mas também registra, assegurando, por meio da gravação, “a repetição da história, a estabilidade” (Petit, 2010, p. 40) do livro.

Para este estudo, o foco recai sobre a edição em português de *1984*, de George Orwell, publicada pela Audible Studios em 2023, na plataforma de audiolivros da Amazon. A escolha dessa edição justifica-se pelo fato de ter sido produzida especificamente para a Audible Brasil e, até 13 de maio de 2024, figurar entre os títulos mais ouvidos da plataforma. É importante esclarecer, contudo, que a opção pelo gênero distópico decorre do interesse e das metodologias mobilizadas em pesquisas anteriores (Moraes, 2024), considerando tanto sua atualidade quanto a recorrente leitura de clássicos como o aqui analisado. Não se trata de afirmar que a distopia ofereça explicações superiores em relação a outros gêneros, mas de reconhecer sua amplitude temática e a capacidade de renovação da obra em diferentes formatos e épocas.

Este trabalho inicia-se com uma breve reflexão sobre a história da leitura ocidental e sobre a prática da *leitura em voz alta*, estabelecendo conexões e diálogos com as formas contemporâneas de leitura de audiolivros. Em seguida, examinam-se as funcionalidades da Audible e seu papel no mercado editorial brasileiro. Por fim, procede-se à análise das avaliações dos audileitores de *1984*, com o objetivo de identificar quais aspectos — sobretudo os de caráter técnico — são destacados por quem escuta, como é o caso da centralidade da figura do narrador. Tal enfoque se justifica pela recorrência com que essa figura é mencionada nas próprias avaliações dos ouvintes, como será demonstrado ao longo do estudo.

Como observa Schittine (2022), os custos de produção de audiolivros são elevados e as expectativas, desejos e necessidades de seu público permanecem, em grande medida, indefinidos para o mercado editorial. Justifica-se, portanto, a relevância deste estudo, ao concentrar-se nas opiniões dos leitores/ouvintes. Embora a noção de *leitura* seja mobilizada em diferentes momentos da análise, evidencia-se a ambiguidade que o ato de *ouvir* um audiolivro suscita em quem escuta e reflete sobre essa experiência. Tal noção será aprofundada e problematizada ao longo do artigo.

1 Diálogos entre passado, presente e futuro: a “leitura em voz alta” e os audiolivros

Segundo Svenbro (1998), na Grécia Antiga, a palavra falada e a tradição oral regiam a cultura. Por isso, a glória dos heróis da epopeia era transmitida por meio da fala, da declamação da poesia épica, assim “é significativo que a palavra que se traduz por ‘fama’ ou ‘glória’, isto é,

kléos, tenha o sentido fundamental de ‘som’” (Svenbro, 1998, p. 41). Os heróis existiam, portanto, a partir da oralização de suas histórias.

Naquele período, a palavra escrita não podia ser dissociada de sua *leitura em voz alta*. O ato de ler acrescentava a voz ao texto, que permanecia incompleto sem essa mediação, já que “sem leitor, ela ficará letra morta” (Svenbro, 1998, p. 46). A própria etimologia da palavra *texto*, derivada do latim *textus*, significa *tecido*, remetendo à trama entre o vocal e o escrito: “o texto não seria então um objeto estático, mas o nome da relação dinâmica entre escrito e voz, entre escritor e leitor. O texto se tornaria, assim, a realização sonora do escrito” (Svenbro, 1998, p. 49).

Em consonância com essa perspectiva, Svenbro (1998, p. 48) identifica três traços fundamentais da leitura na Grécia Antiga: 1) O caráter instrumental do leitor ou da voz leitora, que cede sua voz ao autor do texto, numa relação de servidão e submissão; 2) O caráter incompleto da escrita, que precisa de sonorização; e 3) Os destinatários do escrito não são reconhecidos como leitores, mas como *ouvintes*.

É importante contextualizar que, na época, a escrita era contínua, sem separações ou intervalos, prática conhecida como *scriptio continua*. Por esse motivo, segundo Svenbro, a vocalização tornava-se indispensável para a compreensão do texto (Svenbro, 1998). Os primeiros registros do século V a.C. que mencionam a prática da “leitura silenciosa” entre os gregos provêm de Atenas, mas tratava-se de uma experiência restrita a uma minoria, desconhecida por grande parte da população (Svenbro, 1998, p. 54-55). Como exemplo, o autor cita o diálogo de Sócrates, entendido como “um mesmo e único movimento de interiorização [...], isto é, sobre a interiorização da voz do leitor, daí em diante capaz de ‘ler com a mente’” (Svenbro, 1998, p. 53-54).

Essa perspectiva sobre a relação direta entre oralização e a forma da escrita naquele período, há muito tempo consolidada no campo da História da Leitura, já é nuançada por estudos mais recentes, que interrogam essa ideia de uma *linearidade* das práticas de leitura, ou a simples substituição da *leitura em voz alta* pela leitura silenciosa. McCutcheon (2015) tece uma crítica à visão simplificadora dessa prática na Antiguidade. Segundo o autor, a escrita e a leitura silenciosa já estavam em articulação na oralidade, mesmo nessa época. A noção *evolucionista* da história do livro e das práticas de leitura deve ser, assim, complexificada.

De todo modo, é importante destacar que a oralização dos textos — e, conseqüentemente, sua escuta — não constitui uma prática recente. Pelo contrário, possui uma historicidade que evidencia sua construção e transformação ao longo do tempo, marcada por fatores sociais, temporais, econômicos, geográficos e tecnológicos, assim como ocorre com outros fenômenos comunicacionais.

Atualmente, embora predomine a prática da *leitura silenciosa*, a oralidade permanece como uma forma marcante de narrar histórias, evidenciando continuidades históricas. No caso da palavra escrita, é possível refletir sobre outros contextos que reforçam essa dimensão. Denise Schittine (2022) destaca a relevância da figura materna na apresentação e narração das primeiras histórias à criança, assim como no contato com o bebê ainda no útero.

As primeiras leituras foram feitas para serem escutadas. Uma das formas mais eficazes de acesso ao texto é contar e ouvir histórias. A voz materna é a primeira que nos apresenta à leitura e é com ela que faremos a aliança inicial que nos leva ao entendimento e interpretação dos textos. [...] Cantar e contar histórias para o bebê que ainda está no útero são atividades que influenciam posteriormente no desenvolvimento da escuta e da voz da criança. Portanto, o primeiro espelho que o ser humano tende a refletir é o vocal (Schittine, 2022, p. 259-260).

Além da leitura realizada no âmbito familiar, a leitura em sala de aula desempenha papel fundamental no estímulo à formação leitora de crianças e jovens. A 5ª edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* indica que, quanto ao local em que os leitores costumam ler livros, 82% afirmam fazê-lo em casa e, em segundo lugar, 23% em sala de aula. Dessa forma, práticas de leitura privada e coletiva se entrelaçam no processo de desenvolvimento do indivíduo. A *leitura em voz alta* também permanece presente na contemporaneidade, manifestando-se em atividades como leituras escolares, saraus literários, clubes de leitura e contação de histórias. Surge, então, a questão: estariam os audiolivros integrados a essas práticas?

Neste artigo, parte-se da definição de audiolivro como “toda produção editorial sonora, em maior parte falada e com participação de pelo menos um intérprete (profissional, amador ou de voz sintética), esteja ela já publicada em outros formatos ou mídias ou feita exclusivamente para o áudio”, e segue dizendo, com exceção de textos de caráter noticioso e/ou breve” (Barbosa, 2018, p. 47). A partir desse referencial, elegemos como objeto central da análise os audiolivros adaptados de versões originalmente publicadas em formato escrito.

Gonçalves e Silva (2023) ressaltam que, já em 1878, Thomas A. Edison mencionava, em seus escritos pessoais, a primeira gravação de música infantil e o processo de criação do fonógrafo. Posteriormente, o desenvolvimento desse formato foi fortemente impulsionado por questões de inclusão e acessibilidade, especialmente com o surgimento, em 1934, da *talking book machine*, destinada a pessoas cegas.

Tendo isso em vista, e considerando que os termos são frequentemente utilizados como sinônimos, Schittine (2022) chama a atenção para a distinção entre *livro falado* e *audiolivro*.

[...] a leitura no audiolivro (ou *audiobook*) é mais artística e supõe determinada carga de emoção, enquanto a leitura para o livro falado é mais técnica. Como o livro falado é uma tecnologia assistiva e que pretende dar o acesso à informação sem o mínimo de interferência de terceiros, ele não deve ter um narrador que faça a interpretação vocal do texto (Schittine, 2022, p. 257-258).

Há, por isso, novas e outras dinâmicas ao pensar no audiolivro, visíveis especialmente quando consideramos as diversas possibilidades de sua produção, assim como a historicidade dos suportes textuais utilizados nas práticas de audioleitura ao longo do tempo. Incluem-se, respectivamente: o fonógrafo (1870), a *talking book machine* (1930/1940), o disco de vinil e outros suportes (1940/1950/1960), a fita cassete (1960), o CD e o DVD (1980), os dispositivos móveis (2000) e, por fim, as plataformas digitais (2010/2020) (Barbosa, 2017; Gonçalves; Silva, 2023).

Em relação aos diversos formatos e meios pelos quais uma obra pode se exprimir, Marshall McLuhan (2007) já apontava, na década de 1960, para uma ideia expansiva de *meio*, considerando que este potencializa nossos sentidos. Para o autor, a fala é a extensão técnica da consciência e a linguagem é a manifestação de todos os nossos sentidos ao mesmo tempo. A palavra falada é parte da interação direta, da experiência imediata, hipersensorial.

A palavra escrita passou a conferir visibilidade à linguagem, funcionando como extensão do olhar e da visão humana. Nesse sentido, é notável o impacto que um meio visual, como o livro impresso, exerceu sobre a cultura ocidental. A escrita alfabética, por exemplo, introduziu novas temporalidades, maior durabilidade e diferentes dimensões ao ato comunicativo. McLuhan chama atenção, ainda, para os ganhos e perdas decorrentes dessas transformações nos meios,

observando que a palavra escrita pode se tornar mais fria e uniforme em comparação à comunicação oral.

Além disso, o autor destacou as transformações recorrentes associadas aos meios eletrônicos — como telefone, rádio e televisão — e a consequente alteração da sensibilidade e da experiência sensorial na interação com esses dispositivos¹. No caso do audiolivro, observam-se tanto continuidades quanto rupturas em relação às materialidades históricas dos meios de comunicação. Como aponta McLuhan, há, em certa medida, um confronto e, simultaneamente, um encadeamento entre diferentes suportes — rádio, áudio e som, de um lado, e impresso e visual, de outro — que mobilizam múltiplos sentidos e ampliam as formas de recepção².

O formato analisado neste estudo consiste em uma leitura artística e dramatizada de obras previamente publicadas em versão escrita, constituindo um dos modos possíveis de produção de audiolivros. Trata-se, atualmente, do formato mais consumido, sobretudo por meio de plataformas digitais e dispositivos móveis. Dessa forma, configura-se uma nova materialidade para o objeto livro, distinta daquela do exemplar físico ou mesmo do e-book.

Apesar de sua alegada imaterialidade, a leitura de um audiolivro envolve necessariamente a interação com suportes físicos e com a plataforma responsável por armazená-lo e reproduzi-lo. Além disso, diversos elementos para além da voz podem ser percebidos, interpelados e apropriados pelo audioleitor. Nesse sentido, torna-se relevante compreender esse formato literário em áudio a partir da noção de *projeto acústico-editorial* (Barbosa, 2018), que busca evidenciar tais complexidades e iluminar as múltiplas sonoridades que compõem o audiolivro.

¹ Um autor que exerceu grande influência sobre McLuhan foi Harold Innis. Em obras como *The Bias of Communication* (2008) e *Empire & Communications* (1986), originalmente publicadas na década de 1950, Innis relaciona os avanços em comunicação às dinâmicas econômicas, considerando aspectos como tempo, espaço, transporte, oralidade e escrita. O autor historiciza as materialidades da comunicação ao comparar, por exemplo, o período da escrita manuscrita — marcado pelo uso do papiro e do códice — com a era da prensa tipográfica, destacando as mudanças de temporalidade e materialidade na circulação do conhecimento decorrentes desse maquinário. Innis também propõe distinções conceituais, como a de *mídias que enfatizam o tempo* (*media that emphasize time*), caracterizadas pela durabilidade, mas de difícil transporte (pergaminho, argila, pedra), e *mídias que enfatizam o espaço* (*media that emphasize space*), menos duráveis, porém mais fáceis de transportar (papiro, papel). Essas formas e suportes de comunicação são vinculados pelo autor a diferentes tipos de sociedades históricas, permitindo refletir sobre os vieses e os *impérios de comunicação* derivados das relações de poder que se estabelecem no uso desses meios.

² Gonçalves e Saint Clair (2014) problematizam a pertinência de um pensamento marcado pelo *epocalismo*, que tende a separar os meios e tecnologias da comunicação em períodos estanques, definindo a cultura e a sociedade de cada época — como cultura oral, cultura impressa ou cultura eletrônica. Em contraposição, os autores defendem a importância de reconhecer as misturas e os hibridismos entre meios e culturas, ressaltando a necessidade de um olhar mais complexo e menos linear sobre tais processos.

Moraes e Gambaro (2023, p. 9) estabelecem uma comparação entre o audiolivro e os audiodramas transmitidos pelo rádio. Para os autores, no texto radiofônico — e em todo audiodrama — há uma preocupação central com o ritmo e com a fugacidade do momento da escuta. Por isso, o texto busca adequar-se de modo a “emular” a fala, diferentemente de alguns audiolivros que, além de se atentarem ao ritmo, procuram, por meio da oralização, reproduzir fielmente o que foi originalmente escrito. Nesse contexto, evidencia-se a centralidade do narrador, mesmo quando a obra incorpora elementos não verbais.

[...] é possível, no audiolivro, acréscimos de sons não-verbais, desde que estes não sejam incompatíveis com a história. São as especificidades literárias da obra que devem indicar os caminhos para a performance da voz e para inclusão de elementos sonoros. Os audiolivros recriam a experiência de ouvir um contador de histórias, virtualização que não reside apenas na performance da voz, mas também na forma de recepção do ouvinte. Portanto, as narrativas necessitam de uma boa interpretação da história, uma boa performance do locutor. Afinal, a voz do narrador é o principal instrumento a conduzir ao ouvinte a mensagem e as emoções da obra, o estilo de escrita do autor, as características do gênero literário (Moraes; Gambaro, 2023, p. 10-11).

Os autores falam, então, do possível acréscimo de sons não-verbais, de elementos sonoros, mas, sobretudo, da centralidade da *performance da voz* e da sua relação com o ouvinte. Destacam, ainda, a relação entre livro originalmente impresso e seu audiolivro, quando é o caso, sendo este último uma transposição e corroboração das características da escrita e da história do autor, que o propôs, inicialmente, para o formato impresso — embora haja audiolivros que oferecem estrutura narrativa muito distinta do formato original impresso, caso da obra *As Memórias do Livro* (Barbosa, 2014), assim como obras produzidas exclusivamente em áudio, como o título *Ao Meu Redor* (2021), criada por André Vianco para a *Storytel*³.

Além disso, pensando nas continuidades e atualizações das práticas de leitura, desde a leitura na Grécia Antiga até a contemporaneidade, destaca-se, hoje, a enorme gama de informações e conteúdos a que se tem acesso e que disputam a atenção do público-leitor, cotidianamente. Por tal razão, o mercado editorial recorre ao discurso de que “o audiolivro

³ Disponível em: <https://www.storytel.com/br/books/ao-meu-redor-1349405>. Acesso em: 24 maio 2024.

representa uma oportunidade para explorar o leitor que, nesse turbilhão, reclama cada vez mais da escassez do tempo para leitura e busca alternativas” (Gambaro; Moraes, 2023, p. 89).

Ainda assim, Gambaro e Moraes (2023) chamam atenção para o desafio de despertar o interesse do leitor-ouvinte, em meio às suas ocupações cotidianas, para que este estabeleça a escuta atenta de audiolivros. Contudo, Barcellos (2020) destaca como, durante e após a pandemia da Covid-19, o digital passou a ganhar maior aderência não somente nas relações sociais, mas também no mercado de livros:

Com o mercado editorial não foi diferente. Inicialmente, um cataclismo, tal um fenômeno sísmico, abalou a cadeia da indústria editorial. O setor sentiu os efeitos, o circuito recuou na produção; o subsegmento do livro didático desacelerou por conta do fechamento das escolas. Porém, o acesso do conteúdo a distância acabou ampliando outros formatos de publicações, com vistas à aprendizagem. As vendas beneficiaram os e-books e os audiolivros, e recuaram as do livro impresso (Barcellos, 2020, p. 14)⁴.

O audiolivro desponta, mais uma vez, na contemporaneidade, sob novas roupagens e contextos, como fenômeno da comunicação, produto editorial, formato e dentro das possíveis práticas de “leitura”.

2 A plataforma de audiolivros da Amazon no Brasil: a Audible

Nos últimos anos, a Amazon tem se consolidado como uma das principais forças no mercado editorial. Segundo reportagem da *BBC Brasil*, a empresa estadunidense iniciou suas operações no Brasil em 2012, comercializando exclusivamente livros eletrônicos. Em 2014, expandiu sua atuação para o mercado de livros impressos e, em 2019, já concentrava cerca de metade das vendas online de livros e 80% das vendas de e-books no país (Carrança, 2023).

Além disso, a pesquisa *Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro*, realizada pela *Nielsen Book* e coordenada pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) e pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), tendo como base o ano de 2022, relata que o principal canal de

⁴ A autora recorre, como fonte de informação, a transmissões ao vivo com especialistas do mercado editorial brasileiro, promovidas pela Editora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) durante o período da pandemia. Além disso, utiliza a pesquisa *Conteúdo digital do setor editorial brasileiro*, divulgada em 2020 — primeiro ano do cenário pandêmico —, bem como outros levantamentos relevantes. Para aprofundamento, ver Barcellos (2020).

distribuição e vendas de livros são as livrarias exclusivamente virtuais, como é o exemplo da Amazon.

Criada em 1995, nos Estados Unidos, a Audible foi adquirida pela Amazon em 2008. O Brasil tornou-se, em outubro de 2023, o primeiro mercado da marca na América Latina (Gabriel, 2023). De acordo com reportagem do *PublishNews*, a Audible é atualmente a maior fornecedora de conteúdo em áudio do mundo, registrando mais de 4 bilhões de horas consumidas em 2022 (Facchini, 2023). Nesse contexto, o serviço de audiolivros da Amazon desponta como um elemento de destaque no mercado editorial brasileiro.

No Brasil, a plataforma já disponibiliza mais de 100 mil audiolivros, acessíveis mediante assinatura mensal de R\$ 19,90, com opção de período de teste gratuito de 30 dias, além de títulos que podem ser adquiridos individualmente. Além dos audiolivros, a Audible Brasil oferece também podcasts gratuitos. A plataforma permite o download dos conteúdos para escuta offline, que podem ser reproduzidos em computadores, celulares ou tablets por meio do aplicativo, em qualquer lugar. Ademais, todos os dispositivos são sincronizados com a conta pessoal do usuário, garantindo a continuidade da leitura auditiva. Durante a escuta, o serviço possibilita pausar, destacar trechos marcantes, retroceder ou avançar no arquivo de áudio.

O processo de produção da Audible envolve diversas etapas, entre elas: seleção do elenco, preparação do conteúdo, produção, primeira edição, revisão, aprovação, repetições, segunda edição e, por fim, a masterização. A centralidade da voz nesse processo fica evidente pelo fato de a escolha do elenco ser a primeira etapa, voltada à definição da voz e da narração mais adequadas ao gênero da obra, ao timbre desejado e à representação necessária dos personagens (Como, 2024)⁵.

O catálogo inclui audiolivros estrangeiros narrados no idioma de origem e audiolivros nacionais das principais editoras do país. Entretanto, o investimento mais significativo tem se direcionado à produção de audiolivros próprios, com vozes nacionais. Entre os exemplos, destacam-se títulos narrados pelos próprios autores, como: *Felicidade inegociável e outras rimas*

⁵ Para maior compreensão sobre produção e edição de audiolivros, incluindo processo de seleção de narradores e suas performances, em geral, ver: Barbosa, 2018.

(2024), de Thalita Rebouças⁶, ou *Tudo nela é de se amar: A pele que habito e outros poemas sobre a jornada da mulher negra* (2023), de Luciene Nascimento⁷.

Há, ainda, os clássicos da Literatura Brasileira, narrados por atores brasileiros, como: *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, narrado por Marcos Palmeira (2023)⁸, e *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, narrado por Erika Januza (2023)⁹. Ou ainda clássicos estrangeiros, como *1984*, de George Orwell, narrado por Otávio Müller — obra que constitui o foco deste estudo e será analisada na próxima seção do artigo.

Nesse sentido, a voz — ou as múltiplas vozes — de um audiolivro integra uma estratégia editorial em sentido amplo, que envolve tanto justificativas relacionadas a elementos internos da narrativa quanto aspectos econômicos e de marketing. Por exemplo, uma obra escrita por uma autora sob uma perspectiva feminista tende a ser narrada por uma voz feminina, em coerência com sua proposta estética e política. Assim, a escolha das vozes não se limita a critérios técnicos, mas articula dimensões simbólicas e mercadológicas. Por isso, torna-se particularmente relevante analisar a percepção dos audileitores acerca da performance dos intérpretes.

3 Análise das avaliações do audiolivro de *1984*, da Audible Brasil

Na Audible Brasil, cada página de audiolivro apresenta uma sinopse, a ficha catalográfica da obra, os gêneros aos quais a produção é atribuída, recomendações de outras obras e opções de compartilhamento em redes sociais. Além disso, são disponibilizadas listas como *Mais do autor* e, em alguns casos, *Mais desse narrador*, reconhecendo não apenas a identificação do leitor com o conteúdo do audiolivro, mas também com a própria *voz do texto*. Entre as categorias para avaliação em até cinco estrelas, há: Geral, Execução e História. Portanto, depreende-se que, em

⁶Disponível em: https://www.audible.com.br/pd/Felicidade-inegociavel-e-outras-rimas-Audiolivro/B0CWS5R8XM?action_code=ASSGB149080119000H&share_location=pdp. Acesso em: 9 maio 2024.

⁷Disponível em: https://www.audible.com.br/pd/Tudo-nela-e-de-se-amar-Audiolivro/B0CK53BMNG?action_code=ASSGB149080119000H&share_location=pdp. Acesso em: 9 maio 2024.

⁸Disponível em: https://www.audible.com.br/pd/Dom-Casmurro-Audiolivro/B0CJMVB411?action_code=ASSGB149080119000H&share_location=pdp. Acesso: 9 maio 2024.

⁹Disponível em: https://www.audible.com.br/pd/Ursula-Audiolivro/B0CJMQM9B1?action_code=ASSGB149080119000H&share_location=pdp. Acesso em: 9 maio 2024.

Execução, os leitores e ouvintes levem em conta as especificidades do formato do audiolivro e a qualidade da produção desse conteúdo.

Na Audible, *1984*, de George Orwell, está classificado nas categorias *Thriller e Suspenses*, *Literatura e Ficção* e *Ficção Científica e Fantasia*. A obra narra a trajetória de Winston Smith, personagem que vive em Oceania, país submetido ao regime totalitário do Grande Irmão. O protagonista trabalha reescrevendo artigos de jornais, moldando a verdade conforme as exigências do Partido. A sinopse disponível na plataforma ressalta as múltiplas adaptações do romance — para o cinema, televisão, quadrinhos e até ópera —, além de destacar a inspiração para o nome do reality show *Big Brother*, derivado da figura onipresente do Grande Irmão que vigia todos os cidadãos na narrativa.

Na página dedicada à edição de *1984*, há também um vídeo que apresenta os bastidores da produção do audiolivro pela Audible Studios. O material inclui uma entrevista com o narrador, Otávio Müller, na qual ele compartilha sua opinião sobre a obra de Orwell e relata sua experiência durante o processo de gravação.

O narrador declara, em tom informal e convidativo:

Em poucas palavras, o *audiobook*, [sic] pra mim, cara, é entrar no universo que tem aquele livro, que aquele escritor [sic] tá propondo. Todo cenário, todo ar, todo ambiente, todo o mundo que ele [sic] tá trazendo. Eu fico ali dentro e espero que a pessoa que esteja escutando entre comigo. Vai ser uma experiência, a não ser que você escute em grupo, também vai ser uma experiência interessante, juntar um grupo [sic] pra escutar. Acho riquíssimo! Contar para o outro é sagrado! Eu quero muito entender qual vai ser a experiência das pessoas que vão escutar isso! [...] Se vocês puderem dar esse *feedback* [sic] pra mim, eu vou agradecer imensamente! (Müller, 2023).

Esse trecho do vídeo ilustra as particularidades do audiolivro (a atmosfera, a ambientação, a ideia de que se *entra* na obra) e estabelece, antes mesmo da leitura, a aproximação de quem ouve com quem narra. O narrador faz um convite direto, pede o *feedback* dos ouvintes, mostra-se curioso diante deste formato e das possibilidades variadas de escuta, individual ou em grupo.

Na página do audiolivro, é possível ouvir uma amostra de cinco minutos antes de efetivar a assinatura do serviço. A edição de *1984* possui 12 horas e 48 minutos de duração e, até 13 de

maio de 2024 — sete meses após seu lançamento —, já contabilizava 70 avaliações. A Figura 1 apresenta as avaliações

Figura 1 - Avaliações por categoria de *1984* na Audible Brasil

O que os ouvintes dizem sobre *1984*

Nota média dos ouvintes. Apenas ouvintes que tiverem escutado o título podem escrever avaliações.



Fonte: Audible¹⁰.

A avaliação *Geral* do audiolivro é amplamente positiva: 59 (cinquenta e nove) ouvintes atribuíram cinco estrelas, resultando em uma média de 4,8. No quesito *Execução*, 53 (cinquenta e três) avaliações também concederam a nota máxima, mantendo a mesma média. Já em relação à *História*, a média é de 4,5 estrelas, com 48 (quarenta e oito) avaliações de cinco estrelas. É relevante observar que a Audible identifica seu público como *ouvintes*, ao destacar na seção de comentários: *O que os ouvintes dizem sobre 1984*.

Após as avaliações quantitativas em número de estrelas, a plataforma disponibiliza comentários em texto corrido, mais desenvolvidos e organizados por ordem de relevância. A leitura de 30 (trinta) dessas avaliações permitiu selecionar aquelas que mais se aprofundaram na relação entre leitor-ouvinte e narrador, favorecendo o debate sobre as especificidades do audiolivro. Essas análises foram escolhidas para compor e fundamentar a discussão apresentada no presente artigo¹¹. Vejamos a Figura 2.

¹⁰ Disponível em: https://www.audible.com.br/pd/1984-Audiolivro/B0CHN4X8JG?action_code=ASSGB149080119000H&share_location=pdp. Acesso em: 13 maio 2024.


¹¹ Embora as avaliações estejam publicadas de forma aberta na plataforma Audible, neste trabalho optou-se por ocultar os nomes de usuário dos audileitores, em respeito à sua privacidade.

Figura 2 - Avaliação 1 de 1984 na Audible Brasil

Geral ★★★★★ *história densa e maravilhosa, narrador perfeito*

Execução ★★★★★

História ★★★★★

 26/03/2024

Li o livro pela audible.
ter como narrador o Otávio Miller... foi perfeito e necessário! o livro é denso, sempre atual, Orwell sempre fazendo a gente pensar sobre questões políticas, sociais, e ainda genial sobre o Grande Irmão - o tal livro que inspirou o BBB. Pra quem já leu a "Revolução dos Bichos", do mesmo autor, vê muita semelhança na relação de poder, de apagamento de emoções e lembranças da população pra manter quem está no poder, na manipulação das massas.
Eu tenho TDAH e algumas leituras me fazem me perder em pensamentos, me distrair, demorar pra voltar, reler diversas vezes, e ter o Otávio Miller como narrador foi fundamental pra conseguir concluir com êxito a leitura do Livro!! o bom é que ele como narrador se emociona junto, faz pausas e suspiros e transmite as emoções, faz vozes diferentes pra outros personagens, atua com o livro, faz a leitura pesada ficar leve e fácil de absorver.
Otávio, você é necessário pra Audible e audiolivros, por favor, narre mais títulos!!

Esta opinião foi útil?

Útil Reporte isso

Fonte: Audible¹².

Este audileitor atribuiu cinco estrelas a todas as categorias avaliadas do audiolivro. Relata que “leu” a obra pela Audible, evidenciando que considera a escuta, sobretudo, uma forma de “atividade-leitora”. Além disso, teceu diversos elogios à performance do narrador. O ouvinte menciona possuir Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e destaca que a atuação do narrador foi fundamental para conseguir concluir o livro sem se distrair ou interromper a leitura por longos períodos. Ressalta: *“o bom é que ele como narrador se emociona junto, faz pausas e suspiros e transmite emoções, faz vozes diferentes para outros personagens, atua com o livro, faz a leitura pesada ficar leve e fácil de absorver”*.

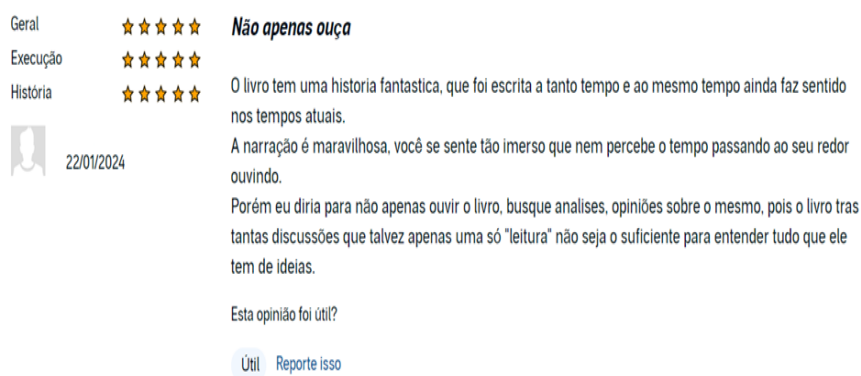
Esse comentário evidencia aspectos característicos da leitura oral, como as *pausas* e a variação de vozes para cada personagem. O ouvinte ressalta a importância da emoção transmitida pela performance do narrador, que *atua com o livro* e torna a experiência de escuta *fácil de absorver*. Além disso, dirige-se diretamente ao ator Otávio Müller, solicitando que ele narre mais títulos para a Audible, em resposta ao convite da plataforma por feedbacks. O audileitor pontua também aspectos do conteúdo da obra, como a atualidade e o viés político da

¹² Disponível em: https://www.audible.com.br/pd/1984-Audiolivro/B0CHN4X8JG?action_code=ASSGB149080119000H&share_location=pdf. Acesso em: 13 maio 2024.

história, bem como a relação com o *reality show Big Brother Brasil* (BBB) e a comparação com outra obra do autor.

Ao final da avaliação, o usuário pode ainda marcá-la como *Útil*, reforçando sua relevância não apenas para a plataforma, mas também para a experiência de outros ouvintes. Conforme ilustrado na Figura 3 – Avaliação 2 de 1984 na Audible Brasil, esse recurso evidencia como os comentários mais detalhados podem ganhar destaque e servir de referência para a comunidade de audileitores.

Figura 3 - Avaliação 2 de 1984 na Audible Brasil

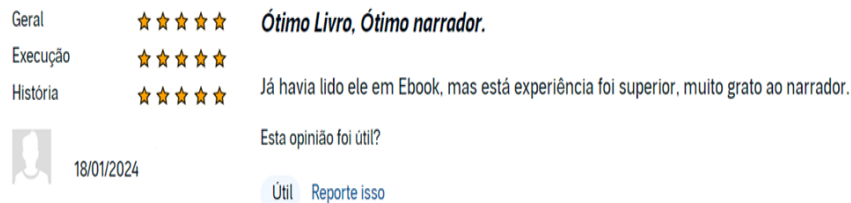


Fonte: Audible¹³.

Nesta segunda avaliação, o audileitor recomenda não se limitar a “ouvir” o audiolivro, mas buscar análises e outras opiniões que complementem a experiência, uma vez que a obra suscita múltiplas discussões e, segundo ele, permanece atual. A figura do narrador é novamente destacada como elemento central da leitura, ao afirmar: *A narração é maravilhosa, você se sente tão imerso que nem percebe o tempo passando ao seu redor ouvindo*. O usuário atribui cinco estrelas em todas as categorias. Contudo, neste caso, utiliza o verbo *ouvir* para se referir ao audiolivro e coloca a palavra *leitura* entre aspas, evidenciando as ambiguidades entre os atos de *ler* e *ouvir* um audiolivro. Vejamos a Figura 4 Avaliação 3 de 1984 na Audible Brasil

¹³ Disponível em: https://www.audible.com.br/pd/1984-Audiolivro/BOCHN4X8JG?action_code=ASSGB149080119000H&share_location=pdp. Acesso em: 13 maio 2024.

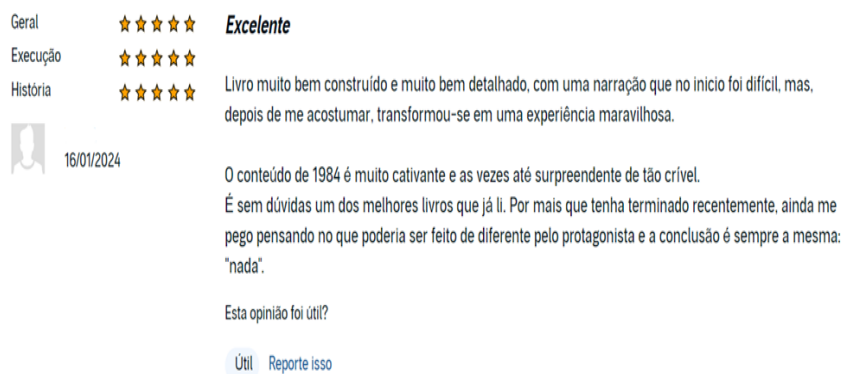
Figura 4 - Avaliação 3 de 1984 na Audible Brasil



Fonte: Audible¹⁴.

Livro e narrador caminham juntos já no título deste comentário: “*Ótimo Livro, Ótimo narrador*”. O audileitor, que atribuiu cinco estrelas em todas as categorias, relata ter lido anteriormente a obra de Orwell em formato digital (e-book), mas afirma que a experiência proporcionada pelo audiolivro foi ainda mais enriquecedora, demonstrando gratidão ao narrador por sua contribuição. Nesse caso, o audiolivro pode ter funcionado como aliado para a compreensão de uma obra clássica do gênero distópico, oferecendo complementaridade ao texto escrito e agregando novos sentidos à leitura. Conforme ilustrado na Figura 5 – Avaliação 4 de 1984 na Audible Brasil, observa-se como a performance vocal potencializa a recepção da obra.

Figura 5 - Avaliação 4 de 1984 na Audible Brasil



Fonte: Audible¹⁵.

¹⁴ Disponível em: https://www.audible.com.br/pd/1984-Audiolivro/B0CHN4X8JG?action_code=ASSGB149080119000H&share_location=pdp. Acesso em: 13 maio 2024.

¹⁵ Disponível em: https://www.audible.com.br/pd/1984-Audiolivro/B0CHN4X8JG?action_code=ASSGB149080119000H&share_location=pdp. Acesso em: 13 maio 2024.

Mais uma avaliação de cinco estrelas chama atenção ao destacar a relação do audileitor com a *voz do texto*. O usuário relata que, inicialmente, a narração lhe pareceu difícil, mas, após se acostumar, a experiência tornou-se *maravilhosa*, sendo considerada uma das melhores obras que já *leu*. Esse depoimento evidencia, novamente, a ambiguidade presente na concepção de escutar um audiolivro como uma *atividade-leitora*. Reconhecendo a complexidade de atribuir a noção de *leitura* a essa prática, mas refletindo sobre a naturalidade ou curiosidade com que tal expressão é utilizada pelos avaliadores, torna-se relevante observar que a recepção desse tipo de experiência comunicacional ultrapassa sua materialidade, alcançando dimensões simbólicas e interpretativas.

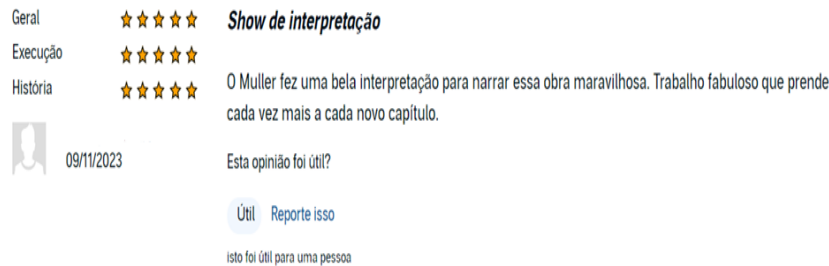
Considerando que se trata de um audiolivro adaptado de um livro impresso, é possível retomar as reflexões de McLuhan (2007) acerca da noção de que *o meio é a mensagem*. Em primeiro lugar, cada meio amplia o outro: a escrita prolonga a fala, o rádio estende a voz e amplia seu alcance, e assim sucessivamente. Além disso, McLuhan sustenta que o meio — isto é, a tecnologia por meio da qual a comunicação se estabelece — exerce influência direta sobre o conteúdo, moldando a mensagem que é transmitida.

No caso do audiolivro *1984*, da Audible Brasil, objeto desta reflexão, observa-se que, ao estender e adaptar um livro impresso — obra estrangeira — para uma narrativa em áudio, em português, tanto o conteúdo quanto suas formas de recepção se transformam. *Ler* um audiolivro, como exposto em uma das avaliações analisadas, exemplifica essa continuidade, prolongamento e encadeamento entre diferentes meios. O livro impresso e o audiolivro, assim, mesclam-se e diferenciam-se simultânea.

Um conceito mais recente que contribui para essa discussão é o de *remediação*, formulado por Bolter e Grusin (2000) no contexto digital. Os autores refletem sobre a convergência das linguagens e culturas e definem a remediação, de forma simplificada, como uma dupla mediação, quando o conteúdo de um meio é transposto para outro. Embora presente desde as mídias analógicas, esse fenômeno se evidencia sobretudo nas novas mídias. Ele ocorre, por exemplo, quando um meio incorpora outro: os programas de podcasts atualizam práticas do rádio para plataformas digitais, ou quando obras literárias são adaptadas para diferentes formatos — cinema, ficção seriada televisiva, quadrinhos e, neste caso específico, o audiolivro.

Conforme ilustrado na Figura 6 – Avaliação 5 de 1984 na Audible Brasil, apresenta como essa transposição não apenas amplia o alcance da obra, mas também redefine sua recepção.

Figura 6 - Avaliação 5 de 1984 na Audible Brasil



Fonte: Audible¹⁶.

Neste exemplo, o audileitor caracteriza a obra da Audible Brasil como um verdadeiro “show de interpretação”, elogiando o desempenho de Otávio Müller enquanto narrador. A ênfase na “interpretação” remete ao fato de Müller ser um ator amplamente reconhecido no cenário nacional, com trajetória consolidada em produções televisivas, teatrais e cinematográficas, além de experiência como dublador. Seu destaque se deve, sobretudo, ao extenso trabalho em telenovelas da Rede Globo, principal emissora do país¹⁷, o que confere à sua performance no audiolivro uma legitimidade artística que ultrapassa o campo da narração técnica e aproxima-se da atuação dramática.

Tal uso de uma figura de apelo social no imaginário nacional é uma estratégia importante e pensada na produção editorial de um audiolivro, tendo em vista que, há casos em que a voz do narrador não possui as especificidades para a performance desse formato de texto, ou mesmo nesse caso em que a edição já é póstuma:

[...] é melhor ‘pedir emprestado’ outra voz, muitas vezes de alguém que é conhecido e, embora não seja exatamente um literato, ganhe de cara a simpatia do ouvinte. O impacto da voz é obtido com uma série de ferramentas técnicas, mas há algo mais que capta o ouvinte, que é da ordem do emocional (Schittine, 2022, p. 264-265).

¹⁶ Disponível em: https://www.audible.com.br/pd/1984-Audiolivro/B0CHN4X8JG?action_code=ASSGB149080119000H&share_location=pdp. Acesso em: 13 maio 2024.

¹⁷ Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/famosos/tudo-sobre/otavio-muller>. Acesso em: 13 maio 2024.

Portanto, mostra-se pertinente a escolha de um ator para conferir o tom e a emoção necessárias a uma obra literária. Ainda que as fronteiras entre o real e o fictício sejam imprecisas e variáveis, a narrativa, quando assumida como ficção, suspende temporariamente a descrença e a objetividade, passando a “gerar predominantemente experiências subjetivas estéticas e poéticas” (Motta, 2013, p. 36). Nesse sentido, a figura do narrador, quando interpretada por um ator, mobiliza afetos e contribui para uma maior imersão e absorção da obra.

Vigarello (2017) retoma o debate sobre a *arte do ator* no século XVIII, destacando a necessidade de o intérprete experimentar-se e conhecer-se continuamente para melhor representar, observando suas próprias sensações. O ator, portanto, envolve-se diretamente no texto que interpreta e, também no caso dos audiolivros, contribui para a composição e aceitação da obra pelo público. Há, nesse ato, uma dimensão de afetividade, entendida como “qualidade sensível da experiência” (Surrallés, 2005, p. 1), que inscreve o corpo no processo: tanto o corpo que narra e dá vida ao texto, quanto o corpo que escuta e é afetado pela experiência sensível proporcionada pelo audiolivro.

Por fim, observa-se que a maioria das demais avaliações concentra-se sobretudo na história e no conteúdo da obra, ou apresenta apenas menções breves ao desempenho positivo do narrador. Já as avaliações negativas, em sua maioria, direcionam críticas às ideias do autor ou ao desenvolvimento da narrativa, sem se deter em aspectos específicos do audiolivro. Tal característica justifica a opção metodológica de não incluí-las na análise aqui apresentada.

Através desses exemplos, torna-se evidente que “a voz que narra é, assim, o mais importante elemento a conduzir a experiência do ouvinte, atribuindo ‘oralidade’ a um texto originalmente feito para ser lido, não escutado” (Moraes; Gambaro, 2023, p. 7), como ocorre no caso da obra de Orwell. Contudo, pode-se também falar em *sonoridade*, especialmente em audiolivros que incorporam múltiplos elementos sonoros além da voz do narrador, ampliando a experiência estética e sensorial da escuta.

Considerações finais

Este estudo buscou compreender a perspectiva dos leitores-ouvintes de audiolivros a partir das avaliações da edição de 1984, de George Orwell, produzida pela Audible Brasil e

lançada no país em outubro de 2023. A obra, já entre as mais ouvidas da plataforma, reafirma seu estatuto de clássico e adquire novas materialidades ao receber uma versão em audiolivro.

Entende-se que esse formato apresenta particularidades que conferem características distintas à experiência de *leitura*. Ao mesmo tempo em que permite dialogar com práticas antigas de *leitura em voz alta*, o audiolivro contemporâneo insere-se nas plataformas digitais, ampliando seu alcance e podendo ser acessado em dispositivos móveis. Assim, evidencia-se tanto a continuidade quanto a ruptura em relação às formas tradicionais de recepção literária, revelando o potencial do audiolivro como prática cultural híbrida e dinâmica.

De fácil acesso e portabilidade, o serviço da Amazon disponibiliza um catálogo extenso de obras, incluindo produções próprias. As avaliações evidenciam a proximidade estabelecida entre o audileitor e o narrador, que se apresenta como uma espécie de *voz do texto*, capaz de performar, atuar, dramatizar e emocionar ao ler, contar e registrar uma nova materialidade da obra literária. Nesse sentido, torna-se relevante refletir sobre a opacidade das fronteiras entre o livro impresso e o audiolivro, uma vez que ambos se entrelaçam e se diferenciam, produzindo experiências híbridas de recepção.

É possível observar, na própria plataforma e ao longo deste artigo, a ambiguidade entre as figuras de “leitor” e “ouvinte” de audiolivros, constituindo um recorte promissor para estudos mais aprofundados sobre o tema. As avaliações analisadas oferecem pistas relevantes às editoras e às plataformas de audiolivros, indicando caminhos para ampliar a adesão de novos leitores-ouvintes.

A dinamicidade da “leitura” assume novas formas quando se trata da escuta de um audiolivro, revelando que o audileitor desse formato mostra-se receptivo a outras maneiras de se relacionar com o texto e com o objeto literário. Assim, evidencia-se um campo híbrido de práticas culturais, em que leitura e escuta se entrelaçam e expandem os modos de fruição da literatura.

Referências

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Narração: Marcos Palmeira. São Paulo: Audible Studios, 2023.

BARBOSA, Rafael de Oliveira. *Literatura para os ouvidos? Uma análise comunicacional de práticas de leitura com audiolivros*. 2014. 141f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de

Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/8959>. Acesso em: 22 maio 2024.

BARBOSA, Rafael de O. Ouvidos para ler: contextualizando audiolivro, leitura e entretenimento. *Revista Brasileira de História da Mídia*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 231-246, jan./jul. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/6072>. Acesso em: 22 maio 2024.

BARBOSA, Rafael de Oliveira. *Audiolivros e edição: projeto acústico-editorial*. 2018. 236 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://www.bdttd.uerj.br/handle/1/8869>. Acesso em: 22 mai. 2024.

BARCELLOS, Marília de Araujo. Circuito midiático e mercado editorial em tempos de (pós)pandemia. In: 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 2020, Virtual. [*Anais eletrônicos Intercom 2020*]. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-2518-1.pdf>. Acesso em: 13 maio 2024.

BOLTER, Jay D.; GRUSIN, Richard. *Remediation: Understanding New Media*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2000.

CARRANÇA, T. Como a Amazon dominou vendas de livros no Brasil em apenas 9 anos. *BBC Brasil*, São Paulo, 2 maio 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c4nwprveg0wo>. Acesso em: 9 maio 2024.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

COMO a Audible produz um audiolivro? *PublishNews*, 16 jan. 2024. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2024/01/12/como-a-audible-produz-um-audiolivro>. Acesso em: 9 maio 2024.

FACCHINI, T. Os desafios do mercado de audiolivros em países pequenos. *PublishNews*, 23 out. 2023. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2023/10/23/os-desafios-do-mercado-de-audiolivros-em-paises-pequenos>. Acesso em: 9 maio 2024.

GABRIEL, R. de S. Amazon estreia plataforma de audiolivros no Brasil e aposta em clássicos narrados por celebridades. *O Globo*, São Paulo, 3 out. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/noticia/2023/10/03/amazon-estreia-plataforma-de-audiolivros-no-brasil-e-aposta-em-classicos-narrados-por-celebridades.ghtml>. Acesso em: 9 maio 2024.

GAMBARO, Daniel; MORAES, Paulo Sérgio Ferreira. O audiolivro e suas relações com as produções sonoras: linguagem e experiência midiaticizada. In: VICENTE, Eduardo. *Sonoridades midiáticas: rádio, música e cinema*. Universidade de São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, 2023. Disponível em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1037>. Acesso em 13 maio. 2024.

GONÇALVES, Marcio Souza; CLAIR, Ericson Saint. Meios na história, história nos meios: paradigmas para a reflexão sobre comunicação e cultura. *Triade: Comunicação, Cultura e Mídia*, Sorocaba, SP, v. 2, n. 4, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/2019>. Acesso em: 27 fev. 2025.

GONÇALVES, S. S.; SILVA, P. N. (2023). Audiolivros, origem e evolução: breve revisão de literatura. In: CARDAMA, S.M.; ARIAS, D.L.; VALENTIM, M.L.P. (Eds.). *Aportaciones españolas y portuguesas a la iConference 2023: Evento híbrido*, 13-17/27-29 de marzo del 2023, Acta, Advanced Notes in Information Science, v. 5. Tallinn, Estonia: Pro-Metrics, 2024, p. 100-115. Disponível em: <https://anis.pro-metrics.org/index.php/a/article/view/48/68>. Acesso em: 9 maio 2024.

INNIS, Harold A. *Empire and Communications*. Victoria/Toronto: Press Porcepic Limited, 1986.

INNIS, H. A. *The Bias of Communication*. 2. ed. Toronto: University of Toronto Press, 2008.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 2007.

MCCUTCHEON, R. W. Silent reading in Antiquity and the future history of the book. *Book History*, v. 18, p. 1-32, 2015. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/597277>. Acesso em: 22 jan. 2024.

MORAES, Ana Carla Ferreira Longo. *Distopias clássicas, protocolos de leitura e produção de sentido no Skoob*. 2024. 190 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/21865>. Acesso em: 9 maio 2024.

MORAES, Paulo Sérgio Ferreira; GAMBARO, Daniel. A “nova onda” dos audiolivros: os recursos dos audiodramas aplicados à experiência da leitura-pela-escuta. *Intexto*, Porto Alegre, n.55, e-130058, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.19132/1807-8583.55.130058>. Acesso em: 13 maio 2024.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise crítica da narrativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

NASCIMENTO, Luciene. *Tudo nela é de se amar: A pele que habito e outros poemas sobre a jornada da mulher negra*. Narração: Luciene Nascimento. São Paulo: Audible Studios, 2023.

ORWELL, George. *1984*. Narração: Otávio Müller. São Paulo: Audible Studios, 2023.

PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

PRODUÇÃO e Vendas do Setor Editorial Brasileiro. Rio de Janeiro: SNEL, 2023. Disponível em: https://snel.org.br/wp/wp-content/uploads/2023/05/apresentacao_imprensa_completa_OK.pdf. Acesso em: 9 maio 2024.

REBOUÇAS, Thalita. *Felicidade inegociável e outras rimas*. Narração de Thalita Rebouças. São Paulo: Audible Originals, 2024.

RETRATOS da Leitura no Brasil. 5. ed. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2020. Disponível em: https://snel.org.br/wp/wp-content/uploads/2020/11/5a_edicao_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_IPL-compactado.pdf. Acesso em: 29 jun. 2023.

SCHITTINE, D. Audiolivros: desafios de produção, voz do narrador e público-leitor. *Scripta*, v. 26, n. 56, p. 256-269, 18 nov. 2022. Disponível em:

<https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/28272>. Acesso em: 9 maio 2024.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Narração: Erika Januza. São Paulo: Audible Studios, 2023.

SURRALLÉS, Alexandre. Afectividad y epistemología de las ciencias humanas. *AIBR: Revista de Antropología Iberoamericana*, n. Esp, noviembre-diciembre, 2005. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=62309911>. Acesso em: 17 fev. 2025.

SVENBRO, J. A Grécia arcaica e clássica: a invenção da leitura silenciosa. In: CAVALLO, G; CHARTIER, R. (Org.). *História da leitura no mundo ocidental 1*. São Paulo: Editora Ática, 1998, p. 41-69.

TUDO sobre Otávio Müller. *Na Telinha Uol*, s./d. Disponível em:

<https://natelinha.uol.com.br/famosos/tudo-sobre/otavio-muller>. Acesso em: 13 maio. 2024.

VIANCO, André. *Ao meu redor*. Narração: Helga Baêta. Stockholm: Storytel Original, 2021.

VIGARELLO, Georges. *El sentimiento de sí: historia de la percepción del cuerpo*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, Rectoría, 2017.

Ana Carla Ferreira Longo Moraes - Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
Doutoranda em Comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestra em Comunicação, UERJ. Graduada em Jornalismo, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

E-mail: carlaanasc3292@gmail.com

Rafael de Oliveira Barbosa - Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
Doutor em Comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Comunicação (UERJ). Graduado em Jornalismo, pelas Faculdades Integradas Hélio Alonso (Facha).

E-mail: profracbarbosa@gmail.com.